

O NOVO HABITAR: ESTUDO DOS NOVOS ARRANJOS HABITACIONAIS PARA OS GRANDES CENTROS URBANOS

Autor(a): *Luiza Gomes de Cerqueira*

Orientador(a): *Mariana de Castro Pereira Pontes Papa*

Curso: *Arquitetura e Urbanismo* **Período:** 9º

Área de Pesquisa: *Arquitetura Residencial*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar diretrizes e elementos projetuais que potencialize e desenvolva a flexibilidade e adaptabilidade necessária para melhoria das relações espaço-usuário no contexto da moradia unifamiliar contemporânea. Levando em consideração as novas estruturas familiares e os novos modos de viver, a vida sob medida em apartamentos compactos vem se tornando cada vez mais comum. Por isso, a habitação mínima tem como objetivo propor que o usuário habite em uma área relativamente reduzida e compacta, sem que se perca o conforto e satisfazendo assim, as necessidades vitais, sociais e psicológicas. A base metodológica se baseia na pesquisa de gênero qualitativa, utilizando uma forma de análise descritiva, pautando principalmente em pesquisas bibliográficas e estudos de caso de microapartamentos. As análises obtidas com base nos estudos de caso, afirmam que as diretrizes e elementos projetuais visam uma melhor utilização e otimização do espaço, de forma a atender as novas configurações familiares e o modo de viver da população atual.

Palavras-chave: Habitação mínima. Habitação contemporânea. Moradia Compacta. Flexibilidade. Adaptabilidade.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta um estudo da adaptabilidade e flexibilidade espacial arquitetônica, para melhoria das relações espaço-usuário. A habitação mínima consiste na ideia de proporcionar qualidade e conforto ao usuário.

Segundo Pereira (2013) o século XXI é marcado por várias mudanças sociais, culturais e políticas, o qual resulta na transfiguração da arquitetura das habitações e também na estrutura das famílias. A estrutura da família atual consiste em casais sem filhos, famílias unitárias, famílias monoparentais e reconstruídas, com ou sem filhos, pessoas idosas em casal ou sós e casais entre pessoas do mesmo gênero.

Devido a isso, a vida sob medida nos apartamentos compactos dos grandes centros urbanos vem se tornando cada vez mais comum, uma vez que grande parte do dia a dia de seus usuários é vivida fora da residência, a mesma vem se tornando um local de repouso e descanso. Para mais, a busca pela moradia próxima ao trabalho e instituições de ensino torna-se mais comum, uma vez que a população atual está à procura de mobilidade, gerando tempo para o que realmente importa.

Em relação a necessidade de adequação do estilo de vida contemporâneo surgem as questões: Quais seriam as dificuldades enfrentadas pelos profissionais para essa adequação? Qual seria o plano de necessidades ideal? Como a habitação mínima pode propiciar flexibilidade aos seus usuários?

É de suma importância que o habitar atual se adeque ao estilo de vida contemporâneo, levando em consideração que o espaço deve promover o bem-estar dos moradores, além de propor condições de higiene, conforto e satisfação estética, adequando às necessidades vitais do usuário. Portanto, o artigo tem como objetivo analisar diretrizes e elementos projetuais que potencialize e desenvolva a flexibilidade e adaptabilidade necessária no contexto da moradia contemporânea.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Referencial Teórico

2.1.1 A necessidade de mudanças no contexto da habitação de forma a atender as novas estruturas familiares

A habitação só se tornou um assunto de discussão no período do Movimento Moderno, com a urgente necessidade de sanar os problemas da sociedade, acarretados pela destruição causada durante a 1ª Guerra Mundial, além das mudanças sociais e econômicas da época (LOUREIRO, 2013).

As mudanças ocorridas na sociedade durante o início do século XX acarretaram transformações na área útil da habitação tradicional (BENEVOLO, 1984).

Antes da I Guerra Mundial as habitações em geral estavam destinadas a um núcleo familiar de dois adultos e duas crianças, no entanto, as consequências da guerra fizeram desintegrar o modelo tradicional de família, refletindo-se na emancipação do cidadão. Essas mudanças sociológicas da época, também, se refletiram na questão da habitação, passando esta a ser projetada para uma só pessoa, dando lugar às práticas do individualismo e à necessidade de privacidade (Benevolo, 1984, p.553).

As famílias sofreram mudanças na sua estrutura após a 1ª Guerra Mundial, com isso as relações interpessoais também mudaram e as mulheres passaram a ter uma independência e autonomia maior, muitas das vezes assumindo a família, os filhos também passam a ter importância nas decisões familiares, com isso a figura de

um chefe não se torna mais necessário, uma vez que todos passam a ter voz ativa (CASELLI, 2007).

Para Pereira (2013), as novas configurações nas estruturas familiares se dão pelo fato de cada vez mais existirem casais sem filhos, famílias monoparentais e famílias unitárias, além disso, outro fator determinante está relacionado à emancipação da mulher e a sua inserção no mercado de trabalho, além da diminuição da natalidade e o aumento da longevidade.

Como já citado acima, a estrutura familiar teve mudanças durante o século XX, e um fato importante foi a entrada da mulher no mercado de trabalho, adquirindo assim sua independência financeira (CASELLI, 2007).

Berquó (1989) relata no trecho abaixo essa transformação no meio familiar:

[...] a queda acentuada da fecundidade, o aumento da longevidade, a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, a liberdade sexual, a fragilidade cada vez maior das uniões, o individualismo acentuado, etc, são tendências que vem atuando no sentido de alterar o tamanho, a estrutura e a função da família (BERQUÓ, 1989 *apud* TRAMONTANO, 2004, p.3-4).

Além disso, sem a figura central do chefe proveniente do sustento da família, a mulher e o filhos se tornam responsáveis. Devido a isso, com todos trabalhando, o tempo para o cuidado com as tarefas domésticas diminui, fato esse que reflete na necessidade de repensar nos espaços da habitação, sendo necessário organizá-los de maneira facilitadora para as atividades cotidianas (TRAMONTANO, 1997).

Tramontano (1997) descreve sua visão da sociedade do século XXI:

[...] metrópole do século 21: seu habitante parece ser um indivíduo que vive, principalmente sozinho, que se agrupa eventualmente em formatos familiares diversos, que se comunica à distância com as redes a qual pertence, que trabalha em casa mas exige equipamentos públicos para o encontro com o outro, que busca sua identidade através do contato com a informação (TRAMONTANO, 1997, p.7).

Portanto, torna-se de extrema relevância pensar na idealização do espaço doméstico de forma a atender a diversidade de estruturas familiares e os novos modos de habitar (PEREIRA, 2013).

2.1.2 Habitação mínima

A habitação mínima é assunto de discussão há quase um século. Le Corbusier, Ernst May e Walter Gropius, são arquitetos que discutiram e analisaram sobre a questão da habitabilidade mínima (OLIVEIRA, 2013).

As primeiras habitações com áreas reduzidas eram pensadas para famílias tradicionais, em torno de 4 a 5 pessoas, hoje em dia é pensada para apenas uma pessoa, fator determinante na concepção dos projetos habitacionais (TRAMONTANO, 1993).

A habitação evoluiu com o passar do tempo e os espaços domésticos sofreram alterações, desvinculando assim as relações privadas das relações sociais (CASELLI, 2007).

Na visão de Gropius (2004) a habitação não deveria estar relacionada com atividades sociais:

A habitação pequena tampouco se presta para as relações sociais. O estímulo intelectual é procurado fora do quadro familiar, aumentam

consideravelmente os restaurantes e clubes para homens e mulheres (GROPIUS, 2004, p.147).

Segundo Teige (2002), para se formular uma planta mínima deveria se pensar em um programa que estivesse de acordo com as mudanças dos estilos de vida da população, horários de trabalho e as condições da família.

Nos últimos 50 anos, é evidente a redução dos espaços habitáveis, principalmente nos apartamentos. Na década de 70, os apartamentos começaram a sofrer com a redução da área útil, passando de 100m² para 87,80m² no período de 1980 a 1990, na década de 90 os apartamentos possuíam em média 72m², nos anos 2000, 73m² e em 2010 59,60m² (CORBO *et al.*, 2019), como visto na Figura 01 abaixo.

Figura 01 – Evolução dos apartamentos – 1970 – 100m² (a), 1980 a 1990 – 87,80m² (b), 1990 – 72m² (c), 2000 - 73m² (d), 2010 - 59,60m² (e)



Fonte: Site O GLOBO, adaptado pela autora

Na atualidade, torna-se de suma relevância analisar e propor tipologias flexíveis e adaptáveis ao espaço doméstico. A habitação e o espaço doméstico são caracterizados por rápidas mudanças e avanços tecnológicos, sendo necessário atender as necessidades e desejos de cada usuário (PEREIRA, 2013).

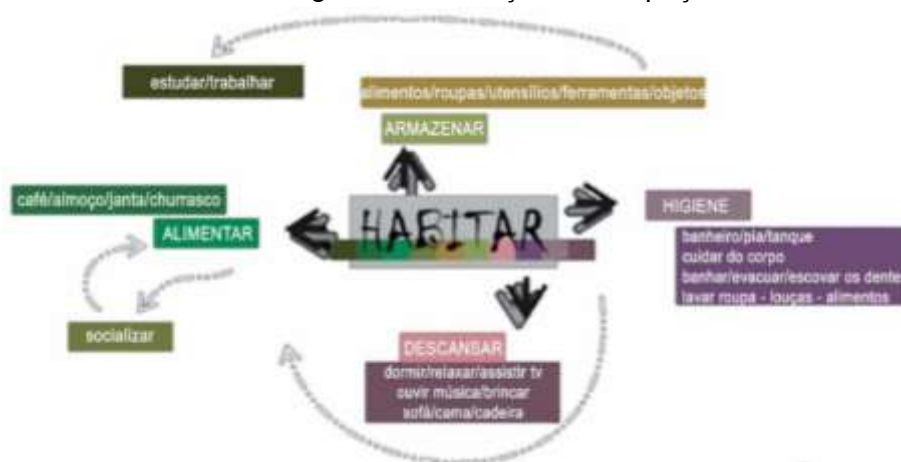
A habitação deve ser habitável, diversificada e adaptável, atendendo aos novos modos de viver da atualidade e futuros. Flexível, ser adaptável as necessidades de mudança dos moradores durante o ciclo de vida. Acessível, tanto para pessoas portadoras de necessidades especiais quanto financeiramente. Sustentável, reutilizar ao máximo os recursos existentes (MORALES E ALONSO, 2010).

Segundo Pereira (2013), a habitação mínima possibilita uma participação ativa do usuário no processo construtivo, proporcionando ao seu usuário a possibilidade de adaptar o espaço conforme os desejos e necessidades.

Para isto a produção de novas formas de habitar a cidade contemporânea deve estar ligada ao conceito de flexibilidade, conforto e diversidade (OLIVEIRA, 2013), como visto na Figura 02.

Além disso, a habitação mínima projetada para o homem moderno, deveria prover moradia de qualidade e satisfazer as necessidades vitais, sociais e psicológicas (CASELLI, 2007).

Figura 02 – Relação dos espaços



Fonte: OLIVEIRA, Cidália Maria Santos (2013), adaptado pela autora

2.1.3 O conceito de flexibilidade

Na arquitetura o conceito de “flexibilidade” pode ser analisado de uma perspectiva teórica ou de um ponto de vista mais prático, dada a variedade de conceitos explorados por diversos autores e arquitetos ao longo da história (SANTOS, 2012 *apud* BARBOSA, 2016, p.19).

O Quadro 01, apresenta as definições e termos de flexibilidade na visão de alguns autores.

Quadro 01 – Definições e termos de flexibilidade

Andrew Rabeneck, David Sheppard, Peter Town	1973 1974	A “flexibilidade” é proposta em oposição ao “funcionalismo feito a medida” (p. 698). “As tentativas que falharam da flexibilidade são criticadas por remeterem para uma “falácia da liberdade através do controle” (p. 701). A habitação flexível deve ser capaz de oferecer “escolha” e “personalização” (p. 698). O conceito de flexibilidade lida com a “técnica construtiva e distribuição de serviços” (p.68).
Herman Hertzberger	1991	No desenho flexível “não existe uma solução única, preferível a todas as outras”; Hertzberger avança com outro conceito, a “polivalência” (p. 146).
Steven Groák	1992	A flexibilidade chama a atenção para a “capacidade de responder a várias disposições físicas possíveis” (p. 15-17)
Gerard Maccreeanor	1998	A flexibilidade é “uma ideia desenhada que leva ao colapso do esquema de distribuição convencional” (p.40). “A flexibilidade não implica a necessidade de mudanças intermináveis nem a ruptura com a fórmula convencional” (p. 40).

Adrian Forty	2000	“A incorporação da “flexibilidade” no desenho, iludiu os arquitetos com a possibilidade de projetar o seu controle sobre o edifício no futuro, para lá do período em que seriam responsáveis” (p. 143). “A confusão no significado advém de dois papéis contraditórios: “ela tem servido para expandir o funcionalismo, de modo a torná-lo viável” e tem vindo a ser utilizado para resistir ao funcionalismo” (p. 148).
Tatjana Schneider, Jeremy Till	2007	A flexibilidade na habitação é “alcançada alterando a matriz física do edifício” (p.5).

Fonte: ALBOSTAN, Duygu (2009), adaptado pela autora

De acordo com estes autores, a flexibilidade está associada a maneira como os elementos permanentes e fixos são desenvolvidos e configurados no *layout* da habitação. São listados os elementos básicos para sistema flexível (BARBOSA, 2016):

- “Marginalização da área úmida e das instalações de serviços em relação à seca;
- Divisórias internas não portantes e removíveis;
- Inexistência de colunas ou, preferencialmente, grandes vãos entre elementos e paredes;
- Localização das portas e janelas de forma a permitir modificação de posição sem comprometer as funções dos vedos externos e das paredes;
- Aplicação de formas geométricas simples nos quartos;
- Tubulações, instalações e acessórios desvinculados da obra bruta, evitando a justaposição na alvenaria;
- E, o não aproveitamento, na medida do possível, da locação central dos aparelhos de iluminação, além de outras restrições equivalentes” (RABENECK *et al.*, 1973 *apud* BARBOSA, 2016, p.35).

Hertzberger (1991) afirma que é fundamental, que não se perca a identidade do espaço projetado pelo arquiteto quando o usuário decide fazer um uso diferente do que foi proposto.

Abaixo, o arquiteto faz uma crítica em relação a flexibilidade e a forma como é abordada (BARBOSA, 2016):

Flexibilidade se tornou a palavra mágica, tinha de ser a panacéia para curar todos os males da arquitetura. Contanto que o projeto dos edifícios fosse neutro, pensavam-se eles poderiam servir a vários usos e poderiam, portanto, pelo menos em teoria, absorver e abrigar a influência de épocas e situações de mudança (HERTZBERGER, 1991, p.146).

Groák (1992) cita que a flexibilidade é vista como a adequação dos arranjos físicos, não somente para espaços domésticos internos, como também exteriores.

Maccreeanor (1998) afirma que a flexibilidade é discutida pelos arquitetos a muito tempo e acrescenta que ela não se limita, resulta na inevitabilidade de mudanças constantemente.

Forty (2000) acredita que a flexibilidade não permite ao espaço a característica de mudança interminável.

Para Schneider e Till (2007), a flexibilidade é caracterizada como a capacidade de mudanças relacionadas com questões de técnicas e de formas.

Logo, baseado na interpretação de cada autor relacionado ao conceito de flexibilidade, conclui-se que a flexibilidade está associada a questões de forma e técnica, sendo possível a construção física alterar-se e adaptar-se conforme as circunstâncias e necessidades de cada usuário (BARBOSA, 2016).

Segundo Pereira (2013), Le Corbusier teria sido o arquiteto que mais incentivou e contribuiu para a disseminação do conceito de flexibilidade no espaço doméstico, sendo conhecido por todos após o modernismo, época conhecida também como os “anos flexíveis”.

Assim sendo, a busca pela flexibilidade no contexto arquitetônico sempre foi de suma importância, tendo a arquitetura japonesa como exemplo disso, mas se tornando tema central de discussão só depois do Movimento Moderno (PEREIRA, 2013).

2.1.4 Tipos de flexibilidade habitacional

A flexibilidade habitacional é dividida em duas classificações: flexibilidade inicial ou conceitual, a qual consiste na concepção inicial do espaço, tanto técnica quanto arquitetônica, proporcionando uma diversidade de escolha para cada habitante, atendendo a diversos estilos de vida, e a flexibilidade permanente ou contínua, consiste na possibilidade de criar variadas configurações de *layout*, alterando seu uso no decorrer do tempo, atendendo as exigências de cada usuário (PEREIRA, 2013).

A flexibilidade inicial ou conceitual pode ser parcialmente ou totalmente atendida e a flexibilidade permanente está ligada ao conceito de mobilidade, evolução e elasticidade (PEREIRA, 2013).

2.1.4.1 Flexibilidade inicial ou conceitual

Como citado acima por Pereira (2013), a flexibilidade inicial ou conceitual, possibilita que o futuro usuário participe da concepção e ajude na escolha de um programa ideal, atendendo e se adequando as suas reais necessidades no espaço doméstico.

Assim sendo, a participação do usuário na concepção é aceitável se tratando de habitação unifamiliar, por se tratar de um contato direto com o futuro morador (PEREIRA, 2013).

2.1.4.2 Flexibilidade permanente ou contínua

A flexibilidade permanente ou contínua é dividida em três conceitos: mobilidade, evolução e elasticidade. O conceito de mobilidade se refere a ação realizada pelo usuário no espaço, o qual pode sofrer transformações, de acordo com as horas e atividades realizadas. A evolução é uma opção, o espaço pode sofrer alterações para adaptar-se às necessidades dos usuários, podendo variar a disposição dos espaços sem alterar sua estrutura. A elasticidade tem o papel de adicionar ou subtrair, um ou mais, espaços de permanência (SILVA, 2016).

Portanto, conclui-se que o conceito de flexibilidade inicial e flexibilidade permanente são empregados para uma melhor utilização do espaço, atendendo com facilidade as necessidades e o estilo de vida de cada presente e/ou futuro morador (PEREIRA, 2013).

2.1.5 O conceito de adaptabilidade

É comumente confundido e/ou equivocado as definições acerca do conceito de adaptabilidade e flexibilidade. O Quadro 02, apresenta as definições e termos de adaptabilidade na visão de alguns autores (BARBOSA, 2016).

Quadro 02 - Definições e termos de adaptabilidade

Andrew Rabeneck, David Sheppard, Peter Town	1973 1974	A adaptabilidade na habitação refere-se a unidades habitacionais que podem ser “facilmente alteradas consoantes às circunstâncias” (p. 699). A adaptabilidade está relacionada com o “planejamento e distribuição” de um edifício, incluindo o tamanho das divisões e as relações entre estas (p.86).
Herman Hertzberger	1991	-
Steven Groák	1992	A adaptabilidade chama à atenção para a “capacidade de responder a diferentes usos sociais” (p. 15-17).
Gerard Maccreeanor	1998	A adaptabilidade é “uma forma diferente de encarar a flexibilidade”, que diz respeito à transfuncionalidade e multifuncionalidade (p.40).
Adrian Forty	2000	-
Tatjana Schneider, Jeremy Till	2007	A adaptabilidade em habitação é “conseguida através do desenho de divisões ou unidades que podem ser utilizadas de diferentes formas” (p.5).

Fonte: ALBOSTAN, Duygu (2009), adaptado pela autora

Nota-se que, na visão destes autores, o conceito de adaptabilidade está relacionado à configuração no interior da habitação. Abaixo, Rabeneck *et al.* (1973) retratam elementos projetuais facilitadores de alterações quando necessário:

- “Nenhum equipamento ou móvel deve ser embutido;
- Pouca alteração entre o tamanho dos cômodos;
- Tamanho de janelas que não delimitem a função do cômodo – Evitar por exemplo, a janela grande para a sala, a média para o quarto e a pequena para o banheiro;
- Aberturas generosas entre os cômodos;
- Aberturas para área externa não somente na sala e na cozinha;
- A circulação como um cômodo entre cômodos e não exclusivamente como circulação” (RABENECK *et al.*, 1973 *apud* BARBOSA, 2016, p.38).

Os elementos anteriormente listados, têm como objetivo propor ao ambiente vazio uma variação de possibilidades de uso, sendo adequado à necessidade de casa usuário (BARBOSA, 2016).

Groák (1992), relata a diferença entre o conceito de flexibilidade e adaptabilidade e alega que a adaptabilidade está associada com a forma de utilizar o espaço.

Maccreeanor (1998), considera que o edifício flexível deve possibilitar diversas formas de uso, podendo ser funcional e multifuncional.

Para Schneider e Till (2007), a adaptabilidade está associada ao uso:

A adaptabilidade é alcançada no desenho dos quartos e unidades de modo a que possam ser usados de diversas maneiras, principalmente através da sua organização, tipos de circulação e designação destes espaços. (...) Por sua vez, a flexibilidade é conseguida pela alteração da estrutura física do edifício: juntando ou ampliando compartimentos ou através de painéis e mobiliário móvel e flexível (SCHNEIDER; TILL, 2007, p.5).

Portanto, é notável que na visão dos autores acima citados, a adaptabilidade está relacionada a questão do uso. Sua função principal está em proporcionar ao

ambiente diferentes finalidades de uso, adequando com facilidade a transformação por meio de divisórias móveis e a multifuncionalidade do mobiliário (BRANDÃO, 2002).

2.1.6 Elementos de projetos facilitadores de flexibilidade

Pereira (2013) conclui que a habitação para ser considerada flexível deve ser composta por elementos permanentes e por elementos temporários, os quais influenciam parcialmente na configuração do *layout* do espaço doméstico. O interior da habitação deve ser de fácil alteração da configuração, de forma a atender as diversas funções e necessidades de modificações em relação ao usuário.

O Quadro 03 foi elaborado apresentando como referência os elementos de projetos facilitadores de flexibilidade adotados por Finkelstein (2009).

Quadro 03 – Elementos de projetos facilitadores de flexibilidade

ELEMENTO FACILITADOR	DESCRIÇÃO
1.Estrutura independente	Permite a livre locação das paredes, já que estas não mais precisam exercer a função estrutural.
2.Modulação estrutural	A modulação tem como propósito coordenar as dimensões das partes de um edifício, garantindo flexibilidade de combinação de elementos, precisão na definição, alcance de medidas e facilidade de produção. A definição de um módulo implica que todos os componentes, ou parte significativa deles, tenham suas dimensões estabelecidas pela multiplicação ou fração de uma mesma unidade.
3.Paredes e divisórias leves	Pode ser de diferentes materiais como: vidro, gesso, madeira etc. Deve cumprir determinados requisitos, como: satisfazer as necessidades de privacidade acústica e visual.
4.Divisórias móveis	Funcionam como agentes de integração e isolamento de ambientes, em função das necessidades. As partições podem ser de corrediças, dobráveis, ou até desaparecer, ocultadas em uma parede ou dentro de um espaço próprio. Este mecanismo é capaz de proporcionar diferentes alternativas de uso/distribuição das atividades no espaço residencial. Em projetos arquitetônicos é possível com facilidade identificar as divisórias móveis.
5.Mobiliário como divisória	O uso de mobiliário como divisória possibilita integrar, isolar e definir os espaços domésticos, em qualquer tempo e independente da construção (BRANDÃO, 2011).
6.Ambiente único– ausência de divisões internas	Espaço onde inexistam divisórias internas quando entregues ao último utilizador.
7. Armários embutidos	Todo o tipo de mobiliário que cumpra a função de guardar pertences de qualquer natureza e que principalmente, tenha sido preconcebido com o projeto domiciliar. Quando o mobiliário é integrado ao projeto, principalmente, quando a área restante é deixada livre, o usuário consegue fazer uso do espaço de maneira mais eficaz.

Fonte: FINKELSTEIN, Cristiane Wainberg (2009), adaptado pela autora

Conforme observado, a inserção e utilização de elementos facilitadores de flexibilidade em projetos residenciais, tem como objetivo a capacidade de adaptação a mudanças, proporcionando um bem estar ao usuário e prolongando a vida útil da unidade habitacional (BARBOSA, 2016).

2.1.7 Mobiliário flexível

Durante o século XX o mobiliário das habitações sofreu diversas transformações, implicando praticidade na vida doméstica e consequentemente refletindo no programa de necessidades e distribuição dos espaços nas moradias. Em consequência disso, são criados móveis multifuncionais, mais compactos e com volumes reduzidos (CASELLI, 2007).

Como mencionado acima, os móveis multifuncionais tinham como características serem polivalentes, podendo assim atender a várias funções ao mesmo tempo em um mesmo ambiente, sendo movimentado sobre rodinhas e possuindo a mesma base (PEREIRA, 2013), como visto nas figuras 03 e 04.

Figura 03 – Estante com mesa. Vistas e planta baixa

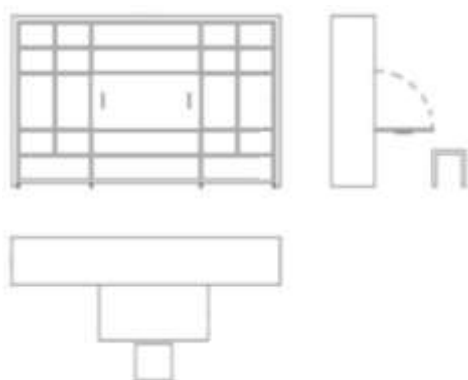


Figura 04 – Cama de casal com roupeiros e mesa de cabeceira. Vistas e planta baixa



Fonte: PEREIRA, Diogo Duarte Alves (2013), adaptado pela autora

Fonte: PEREIRA, Diogo Duarte Alves (2013), adaptado pela autora

O mobiliário deveria refletir o modo de viver do usuário, se adequando assim, ao espaço a ser utilizado e atendendo de forma prática e acessível as necessidades do morador (CASELLI, 2007).

Para Teige (2002), o mobiliário mínimo é relativo aos costumes do morador, mas existem alguns móveis que são importantes para a execução das atividades diárias, como comer, dormir, descansar e armazenar. A mobília funcional é a peça chave para um bom funcionamento de um apartamento compacto, por esse motivo o *layout* deve ser planejado em concordância com as instalações de moradia.

2.2 Metodologia

O presente estudo apresentará base metodológica à pesquisa de gênero qualitativa, proporcionando a compreensão em profundidade dos fatos, utilizando uma forma de análise descritiva, se pautando principalmente em pesquisas bibliográficas e estudo de caso de microapartamentos.

A bibliografia explorada compreende livros e artigos relacionados as formas de se obter flexibilidade e adaptabilidade no contexto das habitações unifamiliares contemporâneas, buscando uma melhor utilização e otimização do espaço.

Os estudos de caso serão realizados para expor e reforçar a importância da flexibilidade no habitar contemporâneo, visando a funcionalidade de mobiliários multifuncionais, além das diversas formas de disposição de *layout* em um mesmo espaço atendendo a necessidade de cada usuário, para isso serão analisados dois empreendimentos, sendo eles Downtown Praça da Sé e VN Nova Higienópolis.

2.3 Análise de dados

2.3.1 Estudo de caso

Para ampliar o conhecimento em relação à temática discutida nesse artigo, serão analisadas 02 tipologias de microapartamentos, sendo eles, Downtown Praça da Sé e VN Nova Higienópolis.

2.3.1.1 Downtown Praça da Sé

Downtown Praça da Sé é um empreendimento residencial com apartamentos tipo Studio com área de 22m², projetado pela Marchi Arquitetura para a Incorporadora Setin. Está localizado na área mais central de São Paulo – SP, além de estar ao redor de vários pontos executivos e comerciais da cidade, gerando mobilidade e atendendo a diversos públicos.

A Planta baixa (Figura 05) do apartamento Studio de 22m², dispõe de uma planta livre, sem compartimentação entre ambientes, como já citado acima por Finkelstein (2009) no Quadro 01 tornando um ambiente único, proporcionando assim uma maior amplitude e mais opções de uso, uma vez que os ambientes estão interligados entre si.

Figura 05 – Planta baixa



Fonte: Site da Incorporadora Setin

O apartamento Studio conta com um mobiliário planejado flexível, capaz de atender diversas funções, se adaptando conforme as necessidades de cada usuário. Como já citado acima por Caselli (2007) no item 2.1.7, o mobiliário deveria refletir o modo de viver do usuário, se adequando assim, ao espaço a ser utilizado e atendendo de forma prática e acessível as necessidades do morador. Além do mobiliário, a cozinha possui cooktop e forno embutido, tornando mais compacto o ambiente e deixando a área útil livre para o que realmente importa. Na figura 06, observa-se as imagens internas.

Figura 06 – Interior do Studio



Fonte: Site da Incorporadora Setin

Além disso, o empreendimento conta ainda com espaços compartilhados, assim como, piscina, salão de festas, espaço fitness, lavanderia, pet place, home office, bicicletário, espaço gourmet e churrasqueira, como visto na Figura 07.

Figura 07 - Espaços compartilhados – Piscina (a), Espaço fitness (b), Lavanderia (c), PetPlace (d), Home Office (e), Bicicletário (f)



Fonte: Site da Incorporadora Setin

Espaços compartilhados têm se tornado cada vez mais comum em condomínios residenciais na atualidade, uma vez que a geração atual busca espaços menores para se viver e maior praticidade. O uso desses espaços de uso comum tem como objetivo proporcionar conectividade e aproximação entre os moradores.

2.3.1.2 VN Nova Higienópolis

O VN Nova Higienópolis é um edifício de médio e alto padrão projetado pela Marchi Arquitetura para a construtora e incorporadora Vitacon. Lançado em 2017, possui apartamentos com área de 77m² a 10m².

Situado na região central da cidade de São Paulo, o empreendimento possui localização privilegiada, estando próximo a transportes públicos, como as estações Santa Cecília e Marechal Deodoro, à aproximadamente 450 metros. O edifício também fica próximo ao hospital Santa Cecília, Hospital Samaritano e Universidade Mackenzie, proporcionando que o usuário desfrute da cidade, ficando mais próximo da área central da cidade, parques, centros culturais e transportes públicos.

Na Planta baixa, vista abaixo na Figura 08, analisaremos a tipologia de 10m², considerado o menor apartamento da América Latina. É visível que o apartamento não é compartimentalizado, possui divisórias apenas no banheiro que por serem de vidro (Figura 09), transmite uma sensação de unidade e amplitude. A flexibilidade do mobiliário permite atender duas configurações de *layout* (Figura 10), uma onde o sofá serve para o usuário descansar e receber visitas, e outra onde o sofá se transforma em cama.

Figura 08 – Planta baixa



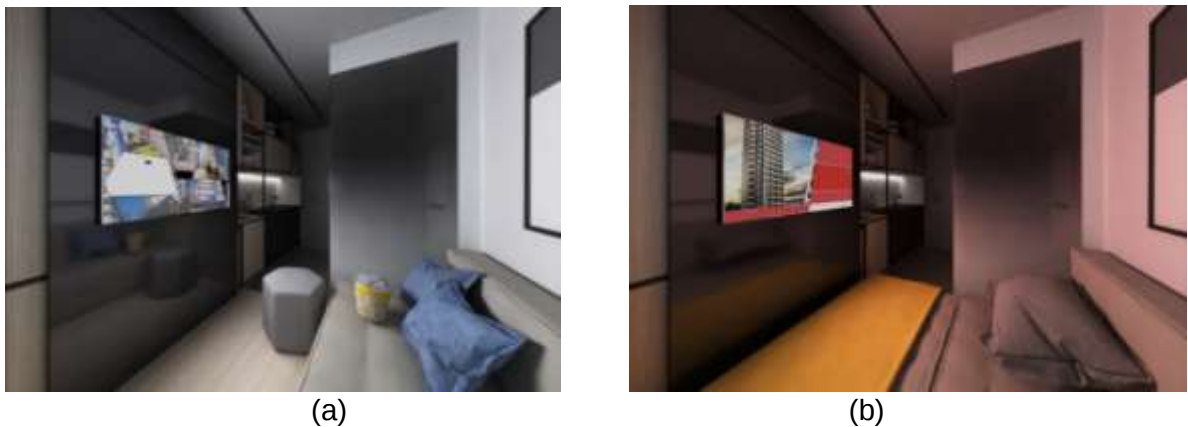
Fonte: Site da incorporadora VITACON

Figura 09 – Divisória banheiro em vidro



Fonte: Site da incorporadora VITACON

Figura 10 – Configurações de *layout*–Sofá para receber e descansar (a). Sofá-cama(b)



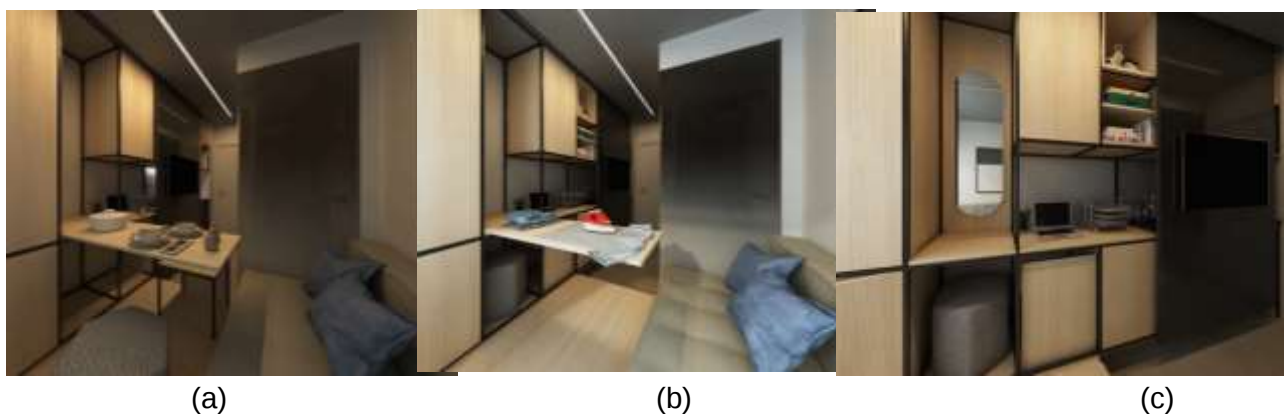
(a)

(b)

Fonte: Site da incorporadora Vitacon

Outra proposta de mobiliário flexível é a mesa (Figura 11). Podendo ser usada para refeições, para passar roupa e quando não utilizada, se transforma em um espelho, com seu movimento sobe e desce, ocupando espaço no ambiente somente quando necessário seu uso.

Figura 11 – Mesa de refeições (a). Mesa de passar roupa (b). Espelho (c)



(a)

(b)

(c)

Fonte: Site da incorporadora VITACON

A cozinha por sua vez, não é diferente, é planejada com mobiliário flexível, além de possuir cooktop embutido e possuir bancada em toda sua dimensão, aproveitando toda área útil. Além disso, possui um painel de correr com televisão fixada (Figura 12) entre o quarto e a cozinha, serve ora como porta do guarda roupa, ora para esconder a cozinha. Como já citado por Teige (2002) no item 2.1.7, o mobiliário mínimo é relativo

aos costumes do morador, mas existem alguns móveis que são importantes para a execução das atividades diárias, como comer, dormir, descansar e armazenar.

Figura 12 – Pannel de TV de correr – Porta de guarda roupa (a). Pannel escondendo a cozinha (b)



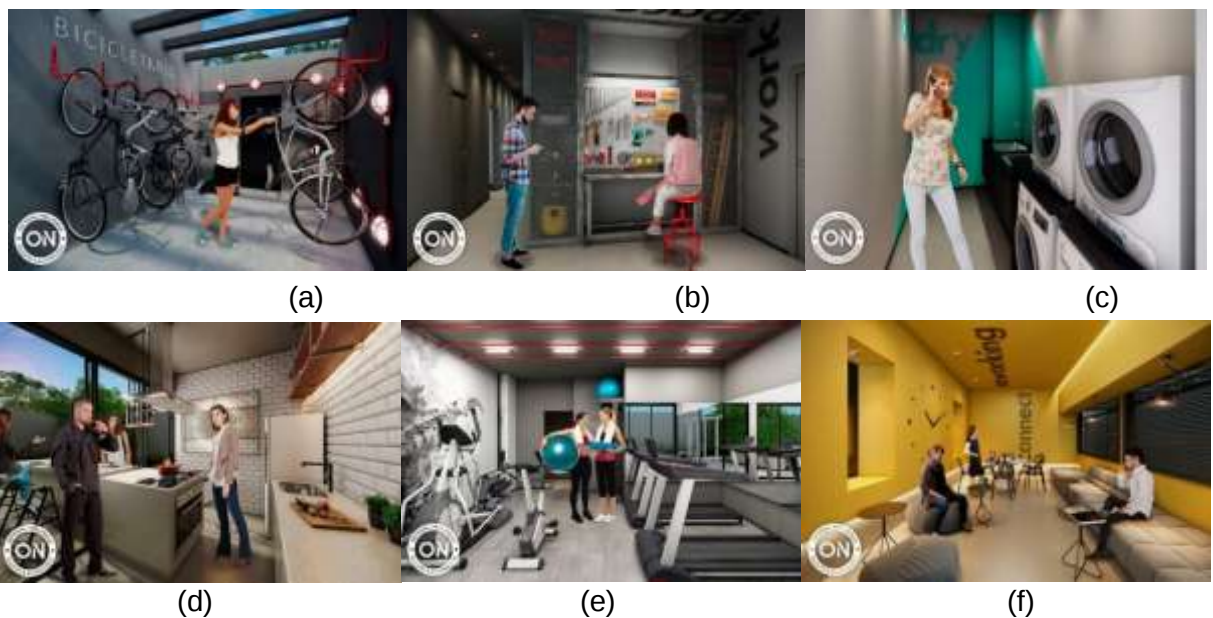
(a)

(b)

Fonte: Site da incorporadora VITACON

Assim como Downtown Praça da Sé, VN Nova Higienópolis também conta com espaços compartilhados, como cozinha, coworking, cinebar, bike sharing, lavanderia coletiva, academia e até mesmo o compartilhamento de utensílios como ferramentas, visto na Figura 13.

Figura 13 – Áreas compartilhadas - Bike Sharing (a). Utensílios compartilhados (b). Lavanderia coletiva (c). Cozinha compartilhada (d). Academia (e). Cooworking (f)



(a)

(b)

(c)

(d)

(e)

(f)

Fonte: Site da incorporadora VITACON

2.4 Discussão de resultados

Analisando os microapartamentos citados nos estudos de caso e comparando entre si, é possível observar que os dois possuem pontos semelhantes, possuindo de diferente apenas a metragem quadrada, visto que Downtown Praça da Sé possui 22m² e VN Nova Higienópolis 10m².

Nota-se que os dois empreendimentos tiveram alterações no plano de necessidades tradicional, resultando assim, em uma moradia compacta, sem divisórias, tornando um ambiente único, contendo sala, quarto, cozinha, banheiro e corredor, corroborando com Teige (2002), que para se formular uma planta mínima deve-se pensar em um programa que estivesse de acordo com as mudanças dos estilos de vida da população, horários de trabalho e condições da família. Morales e Alonso (2010), citam ainda que a habitação deve ser habitável, diversificável e adaptável, atendendo aos novos modos de viver da atualidade e futuros. Além disso, os empreendimentos Downtown Praça da Sé e VN Nova Higienópolis possuem espaços compartilhados, tais como, lavanderia, academia, bike sharing, entre outros, com o objetivo de suprir demais necessidades dos usuários além de propor uma maior aproximação entre usuários/moradores.

Além disso, nos dois casos é perceptível a necessidade de móveis planejados e flexíveis, tais como, mesas e cadeiras que se encaixam em nichos, além de serem utilizadas para atender diversas funções e usos, cama que se transforma em sofá, painéis de correr, entre outras soluções práticas, visando a utilidade de todo o mobiliário, concordando assim com o que já foi citado acima por Pereira (2013), que os móveis multifuncionais tinham como características serem polivalentes, podendo assim atender a várias funções ao mesmo tempo em um mesmo ambiente, sendo movimentado sobre rodinhas e possuindo a mesma base.

Ademais, por se tratarem de uma inovação habitacional, essas propostas arquitetônicas visam atender as novas necessidades da população atual. Apesar de não possuírem uma área quadrada igual aos apartamentos tradicionais, é possível que os microapartamentos atendam as necessidades e mudanças da sociedade contemporânea, pois priorizam principalmente o conforto do usuário. Portanto, nota-se então, que os estudos de Teige (2002), Morales e Alonso (2010) e Pereira (2013), convergem de forma coerente com os estudos de caso apresentados acima.

3. CONCLUSÃO

Como retratado no presente artigo, o período de guerras causou grande impacto na habitação, o que resultou a diminuição da área útil, custos elevados e consequentemente o limite acessível de pessoas, ocasionando assim, condições insalubres e muitas vezes inabitáveis. Mas, não somente a habitação sofreu transformações, após a guerra, a estrutura familiar também teve mudanças na sua configuração.

Com as marcantes mudanças ocorridas na sociedade no pós guerra, torna-se de extrema relevância pensar na concepção do espaço doméstico de forma a atender as novas configurações familiares e costumes da população do século XXI, devido a isso, surgiu a habitação mínima, com o objetivo principal de oferecer ao usuário uma maior flexibilidade e adaptabilidade arquitetônica juntamente ligada a elementos projetuais facilitadores, propondo assim que o usuário habite em uma área relativamente reduzida e compacta, sem que se perca o conforto e satisfazendo assim, as necessidades vitais, sociais e psicológicas.

Conclui-se que essa nova proposta arquitetônica está de fato apta a atender as necessidades, mudanças e as novas configurações familiares da população do século, uma vez que a população vive em constante movimento e a procura por moradias reduzidas vem se tornando cada vez mais comum, seja por diversos fatores.

4. REFERÊNCIAS

- ALBOSTAN, Duygu. **“Flexibility” In Multi-residential Housing Projects: Three Innovate Cases from Turkey.** The Graduate School of Natural and Applied Sciences of Middle East Technical University. Ankara, Turquia, 2009.
- BARBOSA, Mirella de Souza. **Arquitetura Flexível: Um desafio para uma melhor qualidade habitacional.** Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – PB, 2016.
- BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto.** Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- BERQUÓ, Elza. **A família no século XXI: um enfoque demográfico.** Revista Brasileira de Estudos de População, v.6, n.2, jul./dez. 1989.
- BRANDÃO, Douglas Queiroz. **Disposições técnicas e diretrizes para projeto de habitações sociais evolutivas.** Ambiente construído. Porto Alegre, v. 11. N. 2, p. 73-96. Abr./jun. 2011
- BRANDÃO, Douglas Queiroz. **Diversidade e potencial de flexibilidade de arranjos espaciais de apartamentos: Uma análise do produto imobiliário no Brasil.** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, 2002.
- CARNEIRO; VALENTE; BATISTA. O GLOBO. **Exemplos de plantas de apartamentos de dois quartos ao longo das décadas.** s/d. Disponível em: <<https://infograficos.oglobo.globo.com/economia/exemplos-de-plantas-de-apartamentos-de-dois-quartos-ao-longo-das-decadas.html>> Acesso em: 08 jun. 2020
- CASELLI, Cristina Kanya. **100 anos da habitação mínima. Ênfase na Europa e Japão.** Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2007.
- CORBO, Carolina Sanches *et al.*, **Microapartamentos em empreendimentos imobiliários contemporâneos.** Uberlândia, 2019.
- FINKELSTEIN, Cristiane Wainberg. **Flexibilidade na Arquitetura Residencial – um estudo sobre o conceito e sua aplicação.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- FORTY, Adrian. **Words and buildings: A vocabular of modern architecture.** New York: Thames & Hudson Inc, 2000.
- GROÁK, Steven. **The Idea Of Building: Thought And Action In The Design And Production Of Buildings.** London: E&FN Spon: Na, 1992.
- GROPIUS, Walter. **Bauhaus: novarquitectura.** São Paulo: Perspectiva, 2004.
- HERTZBERGER, Herman. **Lessons For Students In Architecture.** Rotterdam, The Netherlands: 010 Publishers, 1991.
- LOUREIRO, Rita Ricardo. **Cruzamentos sobre a questão da habitação mínima no contexto europeu e japonês.** Coleção: ULL-FAA. Universidade Lusíada de Lisboa. Lisboa, 2013.
- MACCREANOR, Gerard. **Adaptability.** A+T Magazine. n.12, p. 40-45. 1998.
- MORALES, Eva; ALONSO, Rubén. **Proyecto de investigación “casa más o menos: la vivendo como processo”.** La Panadería, Arquitectura y Diseño S.L.P,

Consejería de Vivienda y Ordenación del Territorio Junta de Andalucía, Andalucía, 2010.

OLIVEIRA, Cidália Maria Santos. **Alojamento para os novos nômadas: a habitação mínima como resposta.** Coleção: ULF-FAA. Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão, 2013

PEREIRA, Diego Duarte Alves. **Uma habitação transportável e flexível:** Archigram como ponto de partida. Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2013.

RABENECK, Andrew, SHEPPARD, David, & TOWN, Peter. **Housing Flexibility? Architectural Design.** v.43, p.698-727, 1973.

RABENECK, Andrew, SHEPPARD, David, & TOWN, Peter. **Housing: Flexibility/Adaptability? Architectural Design.** V. 44, p. 76-90. 1974.

SANTOS, Marco Gui Alves dos. **Flexibilidade e mutação** - Proposta de um sistema modular flexível para habitação colectiva na Covilhã, 2012.

SCHNEIDER, Tatjana, & TILL, Jeremy. **Flexible Housing.** Oxford, United Kingdom: Architectural Press, 2007.

SETIN Incorporadora. **Downtown Praça da Sé.** s/d. Disponível em: <<https://www.setin.com.br/residencial/downtown-praca-da-se>> Acesso em: 08 jun. 2020

SILVA, Cláudia Sofia Oliveira da. **Habitação Mínima Evolutiva:** O repensar do espaço habitacional. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2016.

TEIGE, Karel. **The Minumum Dwelling.** Cambridge, Estados Unidos: Massachusetts Institute of Technology. 2002.

TRAMONTANO, Marcelo. **Habitações, metrópoles e modos de vida:** por uma reflexão sobre o espaço doméstico contemporâneo. São Paulo: Instituto dos Arquitetos do Brasil/ Museu da Casa Brasileira, 1997.

TRAMONTANO, Marcelo. **Novos modos de vida novos espaços de morar.** Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993. 4. reimp. 2005.

TRAMONTANO, Marcelo; BENEVENTE, Varlete. **Comportamentos & Espaços de morar.** In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. São Paulo: ANTAC, 2004. 10 p.

VITACON. **VN Novo Higienópolis.** s/d. Disponível em: <<https://vitacon.com.br/invista/empreendimento/vn-novo-higienopolis/>> Acesso em: 08 jun. 2020